

## **A rua como um lar: a invisibilidade de cidadãos em situação de rua no centro de Manaus**

**Noélio Martins Costa<sup>1</sup>**

*Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas*

### **Resumo**

O trabalho almeja analisar relações entre o discurso público sobre a marginalidade social e os modos específicos de vida desenvolvidos pelos marginalizados. Tentou-se problematizar e contribuir para elucidar questões referentes à cidade e à ocupação do espaço. Foram observadas as circulações de pessoas com suas histórias de vida, sonhos, esperanças e estigmas. Percebeu-se a predominância das transformações socioculturais, adaptabilidades e resistências frente ao novo, a hostilidade e a receptividade dentro da cidade. Objetivando compreender fatores históricos, percebeu-se como espaços públicos são vivenciados, organizados e percebidos pelos moradores de rua de Manaus.

**Palavras-Chave:** Marginalidade; invisibilidade; dinâmica da cidade; fenômenos urbanos.

### **Abstract**

This paper attempts an analysis of relations between the public discourse on the social marginality and the specific ways of life developed by these so-called marginal. The invisibility of the subject and consequent social exclusion rooted mainly in urban centers, as part of the dynamics of cities. Realize the predominance of socio-cultural transformations, adaptabilities and resistance against the new, hostility or receptivity and within the city. In order to understand the historical factors, and understand how these public spaces are experienced, organized and perceived by homeless Manaus. The methodology is inspired a new field of sociological research proposed by the "Chicago School", it is working urban phenomena, initiating urban sociology.

**Keywords:** Marginality; invisibility; dynamic city; urban phenomena.

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Professor do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas (Ifam), campus Parintins.

## Introdução

O artigo envereda na análise da relação entre discurso público sobre marginalidade social e modos específicos de vida desenvolvidos. Trata-se de uma população que vive principalmente nas ruas do centro de Manaus, que ora se caracteriza como marginal ou ora se caracteriza como alvo de compaixão, negligenciada, faminta de existência social.

Há uma produção de discursividade (FOUCAULT, 1999) que tenta, ao definir uma identidade pela via negativa, ou seja, estigmatizante (GOFFMAN, 1988), enquadrá-la dentro de parâmetros controláveis e manipuláveis pelo Estado. De forma que no jogo entre invisibilidade-visibilidade do poder, exclusão social e inclusão marginal, estão coletivos que fazem uso das ruas do centro de Manaus, principalmente à noite.

A problematização passa por perguntas básicas: Quem são os sujeitos invisíveis no centro de Manaus? Como é criada e recriada a relação do morador de rua e sua importância ou não na dinâmica cultural e no meio social da cidade? Quais implicações dos órgãos públicos e entidades assistenciais no processo, incluindo-se os aspectos econômicos de transferência de renda?

A metodologia utilizada teve como inspiração o campo de pesquisa sociológica proposto pela “Escola de Chicago”. O estudo visou tematizar histórias de vida de pessoas que se desdobram em becos e ruas do centro, calçadas, praças, casas de papelão, barcos abandonados, em torno dos mercados, enfim, em matizes que ultrapassam o simples ir e vir do passeio público.

O objetivo foi perceber como os espaços públicos são vivenciados, organizados e percebidos pelos moradores de rua de Manaus – observados enquanto sujeitos que vivem ocupando logradouros públicos, são privados de sua individualidade e liberdade. Fazem parte das tragédias cotidianas, desagregações familiares, exclusão social, racismo, enfim, não são ninguém.

Até onde negamos a existência social e nos desresponsabilizamos sobre essas pessoas? Nesse ponto, foi inspiração Foucault (2001) quando se ressalta sobre a vida dos homens infames.

Para que alguma coisa delas chegue até nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido,

permanecer é o encontro com o poder: sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção ainda por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com as suas garras, foi ele que suscitou essas poucas palavras que nos restam (ID., *op. cit.*, p. 207).

Esses sujeitos passam por perigos constantes, quase não tem proteção dos órgãos públicos, ou seja, não dispõem de cidadania, entendendo o termo como obtenção de direitos básicos como educação, saúde, moradia. São cidadãos esses sujeitos? São sujeitos sociais essas pessoas?

Na rua, as pessoas ficam embrutecidas, animalizadas com o tratamento a elas dispensadas pelos ditos “cidadãos” da cidade pelo poder público. A rua também é o palco de confrontos caracterizados por diferenças sociais e culturais com seus padrões “éticos” e “estéticos”, ou seja, o que prevalece é a lei da rua.

Se se quer uma cidade mais humana e digna para todos viverem, tem-se que entender as problemáticas dela e tentar minimizar mazelas que se apresentam, incorporando soluções dos sujeitos sociais envolvidos.

Que cidade é essa? Onde, como e quantos vivem exatamente na invisibilidade social? De onde vem? Como percebem a cidade? O que esperam de Manaus? Por que Manaus? Como o poder público tenta equacionar esse problema? Qual a raiz do problema? São inúmeras questões a serem investigadas.

O recorte temporal é o do mundo contemporâneo, da vida cotidiana. Optou-se em analisar relações a partir de um olhar antropológico e etnográfico, pois se tende a acreditar que a pesquisa permita a emergência de categorias êmicas que até agora foram silenciadas por discursos produzidos do exterior.

Categorias sociais tratadas no *paper* são fruto de processo histórico de exclusão social provocado pelo advento do capitalismo. Sobretudo na Amazônia, que experimentou desde o período colonial incursões externas e internas para a exploração de riquezas. Não se reportou ao passado apenas pelo passado propriamente dito, procurou-se entender a perpetuação dos excluídos, e compreender que Manaus continua atraindo pessoas com o sonho do *El dourado*, que pode ser traduzido pelas oportunidades aqui encontradas.

Também se propôs compreender como a invisibilidade do sujeito se insere na história da cidade, das interconexões que insinuam aspectos subjetivos e ideológicos dentro dos microguetos e da interação com os demais sujeitos, propiciando organização de interesses

e articulação de solidariedades, somando esforços para as lutas contra a dependência em suas diversas formas.

O estudo aproxima-se das linhas de pesquisa cultura e representação; cultura, cidade e antropologia, porque trata da sociabilidade num determinado espaço e tempo, que dialoga com práticas de lazer, trabalho e sensibilidades. É nessa perspectiva que pretende-se identificar maneiras diferenciadas de relações subjetivas e objetivas, de ser e agir através de experiências boas ou más, ao mesmo tempo, rastreando atitudes de estagnação e ou mudanças de vida.

### **Proposta de estudo**

O artigo é parte de um projeto de pesquisa que se propõe dar visibilidade as pessoas em condições de risco social na cidade de Manaus em decorrência da exclusão social que se apresenta. Buscou-se efetivar etnografia e refletir acerca das múltiplas interpretações a respeito das relações de sujeitos contidas na cidade, levando-se em conta o cotidiano daqueles que vivenciam o mesmo espaço.

Para dissertar sobre sujeitos sociais que não são vistos, penetrou-se em um gueto de submundo, o centro noturno da cidade de Manaus. Embora seja a mesma espacialidade dos transeuntes diurnos, com ritmo frenético, sons, cheiros e gostos a tônica muda de sentido quando a noite cai. Assim, entendeu-se que nesse ambientes os espaços públicos são reapropriados, invadidos, tomados por profusão de significados outros.

Procurou-se definir o cenário a partir de pessoas, comidas, fumaça, bebidas, lixo, músicas, violências, drogas, enfim, de tudo o que faz parte do desfecho de um dia no centro. São lugares que não deixam de ser espaços de *heterotopia*, tal como definido por Foucault (1999) em contraposição à utopia. Se a utopia representa o espaço maravilhoso e bem ordenado, as heterotopias

[...] inquietam, sem dúvida por que solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto ou aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a sintaxe, e não somente aquela que constrói a frase [...] as heterotopias dessecam o propósito, estacam as palavras nelas próprias, contestam desde a raiz, todas as possibilidades da gramática, desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases (ID., *op. cit.*, p. XIII).

Se o projeto da Secretária de Cultura do Estado é fazer um tributo à *Belle Epoque* europeia via revitalização não só de prédios e logradouros públicos, mas sobretudo de uma memória civilizadora, os indesejados permanecem, teimosamente, ocupando (alguns há mais de cem anos) e ressignificando espaços planejados para outros segmentos sociais.

Preocupação foi resistir à maneira corrente de tratar o tema com paternalismo, desenhando-os como necessitados, matizando a tipologia usual construída com base nas políticas do Estado. Assim, destacam-se as propostas do estudo:

i) Compreender a dinâmica no ambiente geográfico e humano no centro da cidade de Manaus, ponderando sobre como são vivenciados e reelaborados sistemas simbólicos de troca cultural e sociabilização;

ii) Perceber como é fomentada a sobrevivência no cotidiano desses grupos sociais entendendo a ordem no espaço habitado, seus usos e apropriações pelos moradores de rua caracterizando (o pertencimento a cidade) e suas atividades cotidianas (fazer parte de um trabalho);

iii) Refletir sobre embates que se dão no cotidiano das trajetórias de vida, percebendo o momento onde o individual pode trazer em si as expectativas do coletivo;

### **O centro da cidade**

Por que o centro econômico e financeiro? É no centro que encontram “moradia”, “emprego” e “lazer”. É um espaço onde tudo acontece, tem movimento, é valorizado economicamente. O centro, para o morador de rua, é a oposição a periferia. No centro da cidade há outra cidade, outra espacialidade com seus próprios territórios que se recriam tempos em tempos por grupos sociais sem visibilidade.

Moleques, prostitutas, travestis, loucos, bêbados, moradores de rua, trabalhadores braçais, informais etc. habitam o centro onde vivem suas histórias diuturnamente construindo e dando significados às suas identidades e aos próprios usos dos espaços públicos que podem se constituir em algo mais para eles.

Espaços de trabalhos, ruas de tráfego intenso, ruas de lazer, espaços de relacionamentos afetivos e/ou sexuais. Tudo pode, ao cair da noite, se transformar em espaço de interação, onde a vida é pujante, com outra lógica, com um turbilhão de coisas acontecendo ao mesmo tempo, uma profusão de cores, cheiros e sabores.

A falta de esperança e a perspectiva de que algo vai melhorar tem empurrado gerações inteiras para grandes centros urbanos. No Amazonas não é diferente e Manaus é o polo de captação dessa massa humana que vem de demais localidades. No entanto, a realidade se difere do sonho ingênuo do caboclo ou do migrante que vem em busca do *El dorado*. A cidade é viva e voraz, distante do bucólico interiorano, pronto para devorar incapazes de entendê-la.

Na competição que se estabelece as pessoas buscam espaço e querem fazer a diferença, mostrar que se superaram e podem vencer desafios da vida na cidade. Nem sempre é possível e daí a frustração, que é quando o sonho se despedaça numa realidade desesperadora. A rua é um refúgio, uma fuga de si mesmo e dos outros.

A partir daí se pode refletir sobre os sujeitos invisíveis? De onde vêm? O que fazem? Quais interações sociais se apresentam nos espaços públicos? Como a ordem pública, ou seja, o Estado trata a questão? De que maneira a sociedade maneja a identidade do sujeito invisível?

A invisibilidade é associada à vagabundagem, vadiagem, prostituição, mendicância, pobreza, ou seja, é observada como mazela social que empurra o sujeito para viver na e da rua. E o Estado nota como aceitável parcela de sujeitos viverem dessa forma, como um mal necessário, pois se vive em uma sociedade onde tem que haver exploradores e explorados, ricos e pobres. Para que a exclusão social não venha a se transformar em ameaça à ordem, ao *status quo*, instituições de assistência social trabalham de forma insipiente, maquiado dados e realizando medidas paliativas.

A violência urbana e a falta de oportunidades para jovens pobres podem ser motivos para diferenças na distribuição dos bens, serviços e lazer. Deve-se atentar que o problema é latente e a tendência é que se torne manifesto com o crescente abismo que se abre entre a minoria riquíssima e a maioria paupérrima, fruto da desigualdade social<sup>2</sup>.

Sem planejamento humano no sentido de minimizar o sofrimento daqueles que vivem na e da rua, os poderes públicos constituídos deveriam se preocupar mais com a exclusão social, pois com junto à violência cresce a pobreza, a ignorância, regredindo assim o nível geral de desenvolvimento social como um todo.

---

<sup>2</sup> A esse respeito devemos lembrar o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* quando Rousseau, para explicar a sua concepção da sociedade desigual, contra-argumenta brilhantemente contra aqueles que dizem: “eu trabalhei muito para ter o que tenho!”, falando que não é problema um ter outro não ter, e sim uns poucos terem em excesso o que muitos não têm nem o mínimo, e por isso vivem em miséria e decadência, além de não terem culpa de nascerem sem propriedade alguma.

E o que parece é que a significação do papel do sujeito na sociedade se configura por aquilo que o sujeito oferece a essa mesma sociedade, ou seja, sua produção dentro dela. Quanto maior a produção e mais significado tem para a sociedade, igualmente o poder e a visibilidade aumentam e também a recíproca é verdade. O que dá visibilidade a um sujeito na rua? E o que o torna invisível?

A humanização esbarra no medo do outro, da violência e das lutas de classes que potencializam um inimigo onipresente e pronto para prejudicar uns aos outros. A identidade criada a partir do modo preconceituoso da maioria da sociedade em relação a invisibilidade do sujeito é uma identidade social apenas teórica, que se constitui do estereótipo criado a partir do imaginário coletivo sobre a pessoa que mora na rua.

Em contrapartida, categorizando e classificando noutra aspecto tem-se a identidade social prática como figura de uma realidade das ruas do centro de Manaus. A partir de ambas as pressuposições tentou-se apontar que há outros caminhos que podem ser seguidos na construção de significados particulares dos moradores de rua.

### **Metodologia: para se estudar um sujeito que não existe**

Buscou-se fazer etnografia e refletir acerca de interpretações a respeito das relações entre o discurso público sobre a marginalidade social e os modos específicos de vida desenvolvidos pelos chamados marginais.

A etnografia, sendo um trabalho que envolve a ida do pesquisador ao campo, diz respeito ao estar lá de Geertz. Muito mais do que a produção de um texto a partir da experiência, vivência e o diálogo, tem-se de proceder à descrição densa, ou seja, *“esforço intelectual que ele representa [trabalho]: o risco elaborado para um descrição* (GEERTZ, 1989, p. 4).

O que está em jogo, além de métodos e técnicas, é interpretação do autor mediante o campo. O material, produto bruto da inserção no universo definido, deve ser elaborado a partir da observação participante (MALINOWSKI, 1976) ou, adotando ponto de vista de significantes simbólicos, a partir da participação objetivante (BOURDIEU, 2002).

A instrumentação passou necessariamente pela construção de planos de pesquisa, elaboração de quadros sinóticos completos com recenseamento genealógicos dos grupos

envolvidos, a distinção entre os resultados de observação direta e as colhidas, formando-se documentação e narrativas para as bases da avaliação.

A análise foi feita em cima de representações sociais dos sujeitos e de verificações acerca só contexto desses indivíduos e da multiplicidade de fontes históricas (documentos em geral, obras, desenhos, certidões, cartas, jornais, revistas, fotos, iconográficas, bibliográficas etc.) viabilizadas sobre eles.

Na experiência etnográfica, por conseguinte, o observador coloca-se como seu próprio instrumento de observação. Evidentemente, precisa aprender a conhecer-se, a obter de *si-mesmo*, que se revela como *outro* ao *eu* que o utiliza, uma avaliação que se tornará parte integrante da observação de outras *individualidades*. Cada carreira etnográfica tem seu fundamento nas “*confissões*”, escritas ou inconfessadas (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 43-44).

Foram colhidos depoimentos de pessoas que convivem nas ruas, entre elas frequentadores de praças, becos e ruas. Recorreu-se a depoimentos e observou-se a noite e o dia desses sujeitos. Somaram-se às atividades apreciações teóricas, tendo em vista suportar o proposto em campo.

### **Discutir sujeitos é discutir a sociedade**

Indiferença e banalização se tornaram marcas em grandes cidades e se transformam numa particularidade denominada de atitude blasé (SIMMEL, 1996). Seria uma reação das pessoas à vida metropolitana, com cada vez menos tempo para tudo e toda pressa da pressão que a vida na cidade lhe exige. Com isso, dá-se uma anestesia geral dos sentidos, deixando-se de reagir a determinadas afetividades, criando uma atitude de reserva e embrutecendo-se.

[Blasé] é a incapacidade de reagir a novos estímulos com as energias adequadas (...) que associada à economia monetária, a essência da atitude blasé encontra-se na indiferença perante as distinções entre as coisas (...) não são percebidas como significantes (SIMMEL, 1903, p. 35).

Atualmente há muitas pessoas morando nas ruas de Manaus, tendência verticalizante gerada por processos históricos e sociais, alavancada por desregramentos acerca dos sujeitos históricos que nos rodeiam e a partir do qual se busca mostrar temas e personagens de uma

outra história que muitas vezes não nos identificamos, por esse motivo tendeu-se para a chamada *História Vista de Baixo*<sup>3</sup>.

Precisamos nos aproximar mais da vida real dessas pessoas, das histórias concretas delas. É imprescindível incorporar trajetórias radicalizantes em defesa da cultura que se quer para os invisibilizados. Entendeu-se que variações socioculturais estabelecidas em camadas populares enraizadas por valores movediços deixam de incorporar fundamentos de cidadania significados próprios<sup>4</sup>.

Sobre isso, “há uma luta pelo reconhecimento da diversidade, da pluralidade, do direito de batalhar pela construção de projetos alternativos e, sobretudo, de considerar que a nosso ver estaremos produzindo uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo”<sup>5</sup>.

Corroborando tendências etnográficas, buscou-se através do tema problematizar formas intrínsecas de ver a história social de baixo pra cima, não apenas invertendo a ordem dos atores, mas buscando perceber uma ótica diferente da que vem sendo feita<sup>6</sup>. Neste caso, o popular e o hegemônico ganham roupagens pelas quais o popular resiste ao predominantemente elitizado, e ambos formam imbricamento onde ora um ou outro prevalece. Partindo de um viés cultural, identificou-se na história regional algo mais amplo, que identifica os “marginas da história” numa mesma luta.

No centro urbano de Manaus as competições aumentam segundo níveis de estressores. O barulho, o vai e vem de carros e pessoas, a agitação dos sentidos leva frequentemente a determinar focos principais e secundários. Não se dá conta de perceber tudo ao mesmo tempo ao redor num orgasmo de sensações. Por isso, algumas coisas e pessoas ficam na invisibilidade.

---

<sup>3</sup> No livro *A Escrita da História* de Peter Burke (1991), novos temas e outros modos de escrever a História são o ponto central da obra, além de mudança no ângulo ao ver a História, visão de cima e visão de baixo.

<sup>4</sup> Neste sentido, vale a pena observar as formas que estes termos são discutidos na historiografia, por teóricos de diferentes perspectivas. Raymond Williams, onde critica os dualismos e fala sobre incorporação seletiva; Alfredo Bosi, como conjunto de manifestações presentes no cotidiano; Roger Chartier, com a ideia da recepção ativa ou mediações, que se contrapõe a Williams.

<sup>5</sup> A esse respeito Déa Fenelon fala em ampliar o mapa do conhecimento histórico e legitimar novas áreas para investigação: essa ampliação fez surgir ou possibilitou a incorporação de inúmeras temáticas como o urbano, a mulher, a família, o crime, a infância, a educação e outros, todos reclamando um lugar dentro do contexto mais amplo da História Social e da temática da cultura. In: FENELON, Déa Ribeiro. “Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa”. In *Projeto História, São Paulo, (10), dez.1993.p. 75.*

<sup>6</sup> Impressões do tipo são abordadas por Sharp e Thompson quando discorrem sobre a “*History from Below*”. A perspectiva atraiu de imediato historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrindo áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorando experiências de homens e mulheres cuja existência foi tão frequentemente ignorada. Mesmo hoje, grande parte da história ensinada nas sextas classes e nas universidades da Grã-Bretanha (e também, supõe-se, em instituições similares por toda) ainda considera a experiência da massa do povo no passado como inacessível ou sem importância. SHARP, Jim. “A História Vista de Baixo. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp,1992, p. 41.

São vários centros da cidade de Manaus num centro só. As apropriações, redimensões, reconstruções e recriações dão características múltiplas tanto ao ambiente quanto as pessoas que transitam nele. Centro comercial, zona franca, zona portuária, mercados, feiras, centro cultural, turístico e econômico-financeiro. Existem nos centros formas de poder e estratégias próprios da individualidade dos sujeitos na rua e de rua, que os estigmatizam e ao mesmo tempo os protegem.

As pessoas em situação de rua remodelam o território com estratégias de sobrevivência que suprem minimamente as necessidades. Trocas simbólicas, favores e negociações implícitas corroboram para uma rede de micropoderes e significados. Esses sujeitos têm uma baixa autoestima e são suscetíveis a serem cooptados para o bem ou para o mal.

Em casos opostos, moradores de rua superam o medo e empurrados pela necessidade caem na banalidade da violência, da esperteza, malícia, prostituição, exploração infantil, como estratégias de sobrevivência para superar as adversidades do seu cotidiano.

### **Considerações finais**

A proposta foi estabelecer diálogos sobre as lutas dos sujeitos principalmente para sobreviver no Centro de Manaus, e também contra a sujeição e a submissão humana nesse espaço.

Buscou-se avaliar a construção de uma identidade em relação à cidade, ou acerca do local onde se vive. A Manaus atual foi observada no contexto das possibilidades de se conseguir levar uma vida minimamente digna a partir de iniquidades descritas no seio da sociedades capitalista.

Espera-se que o *paper* venha a somar no processo de compreensão da urbanidade manauara e dos desvalidos que se situam no centro comercial da capital amazonense.

### **Referências bibliográficas**

BOSI, Ecléa. Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias. Petropolis: Vozes, 1981.

BOSI, Alfredo. "Cultura como Tradição". In: Bornheim, Gerd (org). Cultura Brasileira: tradição e contradição. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BURKE, Peter (org.): A Escrita da História. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DIAS, Edinea Mascarenhas. A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920. Aldrin Moura de Figueiredo Universidade Federal do Pará. Manaus: Valer, 1999.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Antropologia das Sociedades Contemporâneas. São Paulo: Global, 1987.

FENELON, Déa Ribeiro. "Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa". In: Projeto História, São Paulo, (nº 10), dez/1993.

\_\_\_\_\_. "O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo?" In: História e Perspectivas, nº 6. jan/jun, Uberlândia:UFU, 1992.

FOUCAULT, Michel. A Vida dos Homens Infames. In: Ditos e Escritos Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. As Palavras e as Coisas. São Paulo; Martins Fontes, 1999.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural 2. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 5ª Edição, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: Tema, método e objetivo da pesquisa. In: Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril, 1976. (COI. Os Pensadores).

OLIVEN, R. G. Antropologia de grupos urbanos. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

SAMUEL, Raphael. "História Local e História Oral" In: Revista Brasileira de História. São Paulo. v.9, nº 19, pp. 219-243, set.89-fev.90.

SIMMEL, Georg. Gesamtausgabe. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort.

SHARP, Jim. "A História Vista de Baixo". In: BURKE, Peter (Org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992, p. 39-62.

SOLLER, Maria Angélica e Maria Izilda S. (Orgs). O Imaginário em Debate: Gênero, Música, Pintura, Boêmia. Editora Olhos d'água, 1998.

WILLIAMS, Raymond. "Conceitos Básicos". In: Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.